

## RESENHA

### ANALYSE ACOUSTIQUE ET PHONOLOGIQUE DU PORTUGAIS PARLÉ PAR LES COMMUNAUTÉS NOIRES DE L'AMAZONIE (BRÉSIL) \*

*Regina Célia Fernandes Cruz  
Universidade Federal do Pará*

As classes rítmicas são parcialmente relacionadas à origem genética das línguas. As germânicas são geralmente de ritmo acentual; as línguas latinas tendem a apresentar ritmo silábico. O português sempre teve dificuldade para encontrar seu lugar nas classificações lingüísticas relacionadas ao ritmo, uma vez que processos fonéticos e fonológicos a distanciaram de suas origens latinas. Consequentemente, os estudos carecem de clareza quando se trata de atribuir características prosódicas ao português, principalmente com relação ao ritmo. Este é classificado ora como acentual (Major 1979, Abaurre 1981, Cagliari 1984), ora como silábico, segundo a variedade lingüística levada em consideração. Brandão de Carvalho (1989), Reis (1995), Hirst & Di Cristo (1998), Massini-Cagliari (1995, 1999), Lee (1995) afirmam que o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) apresentam pés métricos diferentes e que é o PB que apresenta sempre as características métricas estabelecidas para as línguas latinas.

A tese de Cruz (2000) trata essencialmente de variações dialetais do ritmo no português espontâneo e suas origens. A autora admite que a estrutura prosódica do português brasileiro conserva traços das línguas nativas e africanas faladas no Brasil

\*Resenha da tese da autora.

colonial. Cruz (idem) teve que enfrentar um certo número de dificuldades metodológicas, dentre as quais destacam-se:

- (i) a definição do objeto de estudo em si, uma vez que a noção de ritmo é uma subjetiva. O método utilizado consiste em aproximar o objeto por comparação, de maneira que a identidade do ritmo do português do Brasil (PB) é definida em comparação ao ritmo de outras variedades do português, até mesmo à variedade europeia;
- (ii) a representação dos fenômenos de fala espontânea, pois ainda não se conta com métodos bem estabelecidos para estudá-los, principalmente no que tange aos aspectos supra-segmentais, dificuldade que se acentua ainda mais quando se trata de ritmo.

O objetivo principal da tese é, portanto, estudar as características prosódicas do português espontâneo, mais precisamente do ritmo, comparar os dados obtidos sobre o ritmo com o de outros estudos da mesma natureza, proceder a um estudo comparativo de três variedades do português e determinar a origem das marcas lingüísticas do português afro-brasileiro (ABP). Nessa perspectiva, conhecem-se as etapas da evolução do português em uma viagem cujo ponto de partida é o latim e que termina com a chegada do português ao Brasil. Nessa apresentação do sistema português do ponto de vista histórico, deu-se preferência aos aspectos externos da mudança, em particular os aspectos que colocavam em evidência a estreita relação entre as relações lingüísticas e os aspectos sociais e políticos de época. Com relação aos aspectos internos da deriva, as mudanças que atingem o nível fonético segmental e supra-segmental têm prioridade. Três outros estudos serviram de inspiração para a abordagem aqui tratada, seja por se tratar de estudo fonético experimental (Vaissière 1998) seja por

demonstrar que as mudanças sintáticas e morfológicas sofridas pelas línguas latinas foram desencadeadas por mudanças prosódicas (cf. Tarallo 1990; Galves & Galves 1995; Vaissière 1998).

O funcionamento do sistema fonológico português atual é também abordado (no capítulo 3), de maneira a fornecer uma idéia mais precisa da estruturação atual do português no nível fonético e fonológico. Nessa parte, ao mesmo tempo que os processos típicos do português são apresentados, enquanto sistema lingüístico, colocam-se em evidência as marcas que opõem as duas grandes variedades do português: a falada na Europa e a falada no Brasil.

Considerando que o português é também objeto de debate nos estudos sociolingüísticos, em particular nos estudos que se interessam pelas origens de sua variedade dialetal mais importante em número de falantes, o português brasileiro (PB), apresenta-se um panorama da situação sociolingüística do Brasil colonial (no capítulo 2), sem esquecer-se dos papéis atribuídos às línguas nativas e às línguas africanas na formação do PB. A tendência nos trabalhos mais antigos sobre o português do Brasil (PB) é negar completamente a contribuição seja das línguas nativas seja das línguas africanas na formação do PB (cf. Silva Neto (1951) que afirma textualmente não haver nenhuma influência nativa ou africana no PB; também Lopez (1971) adota a mesma posição, mas com relação às contribuições africanas no espanhol da América Latina. Outra posição muito corrente é aquela dos autores que afirmam que a única contribuição das línguas africanas e ameríndias se acha no nível lexical (cf. Tagliavini 1969; Silveira Bueno 1953).

Dentro da perspectiva sociolingüística, propõe-se estudar as características prosódicas do PB, como fonte possível de informação sobre a identidade lingüística do português ao Brasil (capítulo 4). Essa hipótese é oriunda do fato de que as classes rítmicas são parcialmente ligadas às relações genéticas entre as línguas e também da circunstância de que é muito difundido na literatura sobre o assunto que em uma situação de contato lingüístico, que leva ao desaparecimento total de uma das línguas em contato, os traços da língua desaparecida fica na estrutura prosódica da língua resultante. Entretanto, para confirmar tal hipótese, foi necessário primeiramente:

- Determinar as características prosódicas do português brasileiro, bem como
- Determinar a origem das marcas lingüísticas do português afro-brasileiro

Como se trata de um estudo fonético experimental a partir de um corpus de fala espontânea, no capítulo 5 descrevem-se os obstáculos enfrentados para se tornar possível a conciliação entre os corpora sociolingüísticos e a metodologia experimental. O objetivo essencial desse capítulo é o de descrever as diferentes possibilidades encontradas para tornar possível a utilização de dados de fala espontânea no estudo acústico experimental.

Diante da ausência de uma metodologia padronizada para a análise experimental dos dados espontâneos, agravada pelo fato de que a fonética se impôs com técnicas de laboratório rigorosas, mas até o presente, com dificuldades para aplicá-las à fala em situação real de uso, a autora foi obrigada a repensar toda uma metodologia a ser empregada no tratamento dos dados. A maior parte do tempo destinado à tese foi consagrado a resolver tais questões metodológicas, a trabalhar no objetivo de

tornar viável o estudo da fala espontânea em fonética experimental. Por essa razão, uma discussão sobre a natureza dos dados foi feita, em particular sobre a exploração do corpus, que exigiu um inventário, uma organização em banco de dados e uma transferência para CD-ROM, compreendendo a padronização das anotações dos arquivos sonoros e a escolha dos softwares. Tudo à luz de uma reflexão sobre o conceito de língua adotado pelos estudos experimentais, a dicotomia fala de laboratório / fala espontânea e a adaptação das fases experimentais (capítulo 6). Todo esse trabalho de organização do corpus em forma de banco de dados e a transferência do corpus para CD-ROM facilitou o trabalho de experimentação, tanto no tratamento acústico quanto na preparação de subcorpora para a testagem de hipóteses.

Uma vez vencida a fase imediatamente acima relatada, passou-se à exploração do corpus, objeto do capítulo 7. Essa fase também exigiu muita reflexão antes de sua execução propriamente dita. O programa PRAAT foi muito útil em duas fases experimentais:

- A da segmentação do sinal em turnos de fala, fase necessária para tornar possível a estilização da  $F_0$  no programa MOMEL, pois o fato de que o corpus fora organizado em tomadas de som<sup>1</sup> constituía um problema para a codificação da  $F_0$ , uma vez que cada tomada de som compreende vários turnos de fala<sup>2</sup> e, portanto, apresenta vozes de vários falantes diferentes.

<sup>1</sup> O critério utilizado para tal delimitação de "tomada de som" é simplesmente o fato de ligar ou desligar o gravador. Portanto, por tomada de som entende-se um evento sonoro gravado sem interrupção.

<sup>2</sup> Um único enunciado de um único locutor.

- A do tratamento estatístico dos dados. Nessa fase um outro programa foi útil, PERL, com o qual foi possível a automatização dos cálculos das variáveis, assim como se pôde efetuar uma análise discriminante dos dados.

Com relação a variáveis estatísticas, foi introduzida uma outra variável para os cálculos sobre o ritmo, o coeficiente de variação. A razão maior foi Ramus (1999) ter indicado como efeito significativo os fatores %V (porcentagem de vogais) e  $\Delta$  (desvio padrão), pois as duas variáveis dão conta da noção tradicional de classe de ritmo para um corpus de fala lida. Como o corpus utilizado por Cruz (2000) é de fala espontânea, foram necessárias variáveis que neutralizassem as variações de velocidade de fala por exemplo, variações muito mais ligadas aos estilos do locutor, razão pela qual o coeficiente de variação proposto por Hirst (2000) foi muito útil. Segundo o autor, que também empregou a metodologia de Ramus (*idem*), o coeficiente de variação é mais importante que o  $\Delta$ , porque ele é independente da unidade de medida e também da velocidade de fala, não levando, portanto, em consideração esse tipo de variação. Segundo Hirst (*idem*), a metodologia de Ramus (*idem*), Ramus & Mehler (1999), Ramus et al. (2000) é muito interessante. Faz-se, entretanto, necessário testar outros parâmetros, como aliás o fez Grabe & Low (2000) e Frota & Vigário (2000a, 2000b), que fizeram observações semelhantes e que também propõem outros parâmetros a serem testados.

O capítulo 4 é reservado aos aspectos prosódicos do português. Para esse fim, sobrevoa a literatura existente sobre o assunto para mostrar como é difícil estabelecer o status rítmico do português. Situa-se, então, o português entre os estudos tipológicos lingüísticos sobre o ritmo, em particular aqueles realizados por Ramus e seus colaboradores (Ramus 1999,

Ramus & Mehler 1999, Ramus et al. 2000), que compreendem comparações intersistemas rítmicos. Somente então pôde confrontar o procedimento adotado com os de Frota & Vigário (2000a, 2000b), realizado a partir de Ramus (*idem*), mas que fizeram estudo comparativo entre duas variedades do português PE e PB.

As variáveis mais robustas confirmam uma boa classificação para as três variedades do português. No nível melódico, a variedade do português falado na Amazônia (AM) é freqüentemente confundida com o português afro-brasileiro (ABP), durante a verificação das variáveis isoladas, o que não é o caso quando se tomam as 21 variáveis calculadas para determinar o índice de musicalidade. Por esta razão, foram verificadas as classificações ao nível rítmico, mas para a aplicação da escala de Ramus (1999; Ramus et al. 2000) e a confrontação com os dados de Frota & Vigário (2000b), foram utilizados apenas os dados do português brasileiro padrão (PB) e do português afro-brasileiro (ABP).

A aplicação da escala de Ramus (*ibid*) aos dados de Cruz (*idem*) demonstraram que o ABP se encontra em uma classe rítmica diferente do PB. O PB se encontra na mesma escala que as línguas latinas, ou seja, a das línguas silábicas, enquanto que o ABP se encontra na zona das línguas moraicas. Frota & Vigário (2000b) também constatam uma distribuição semelhante para o PB em seus dados. Segundo seus resultados, o PB ocupa o lugar reservado às línguas de ritmo silábico e o PE se encontra identificado como língua de ritmo acentual ao lado do inglês, do holandês e do polonês.

Logo o PB e o ABP se encontram em classes rítmicas opostas. O PB, entre as línguas de ritmo silábico e o ABP, entre as línguas moraicas. O fato de que o PB se encontra entre as línguas de ritmo silábico é de certa forma previsível uma vez que

geneticamente o português é uma língua de ritmo silábico, assim como todos os trabalhos sobre o ritmo confirmam tais resultados, seja no nível fonológico (Massini-Cagliari 1995, 1999) seja no nível fonético (Frota & Vigário 2000a, 2000b).

Retomando a classificação rítmica atribuída às três variedades do português: o PE, o PB e o ABP, falta explicar a classificação do PE dentre as línguas acentuais e o ABP dentre as línguas moraicas. Aventa-se uma explicação apenas para a classificação do ABP, uma vez que a autora acredita que somente foneticistas e nativos do PE, como Frota & Vigário, podem fornecer a explicação das mudanças rítmicas sofridas pelo PE que o afastaram de suas origens latinas.

As análises sobre o ritmo e entoação do ABP em comparação com o PB demonstram que:

a) o PB está bem classificado entre as línguas de ritmo silábico; aliás, resultados semelhantes são fornecidos por Frota & Vigário (2000a, 2000b);

b) o ABP se diferencia do PB com relação ao ritmo, uma vez que o primeiro se encontra entre as línguas moraicas;

c) uma comparação com os dados de Frota & Vigário (2000a, 2000b) mostra que todas as duas variedades do português brasileiro se distinguem do PE, que se encontra classificado entre as línguas de ritmo acentual.

Além do ritmo, outros fenômenos são tratados na tese: os ideofones (no capítulos 3 e 8) e os clíticos (nos capítulos 4 e 8). A investigação desses fenômenos leva a autora a concluir que as marcas identificadas na variedade do português afro-brasileiro os identifica como: (i) comunidade remanescente de quilombo, (ii) falantes não de crioulo muito menos de um dialeto africano

preservado ao longo dos séculos, mas sim do português, (iii) por outro lado, o português não é sua língua materna.

Os resultados sobre os clíticos mostraram que o ABP conserva formas arcaicas do português. Já o ritmo mostra que o ABP não se encontra entre as línguas de ritmo silábico como o PB, nem entre as línguas de ritmo acentual como o PE. Como explicar uma estrutura métrica diferente para o ABP ?

Os estudos sobre as origens africanas do português brasileiro enfrentam uma grande dificuldade em alcançar seus objetivos, pois mesmo em termos de contribuição lexical, não é fácil precisar, por exemplo, se um empréstimo lexical vem do bantu ou do ioruba, ou então se se trata de uma combinação produzida a partir de itens lexicais provenientes de línguas bantus diferentes mas que dividem um grande número de radicais semelhantes, como o kimbundo (Mello 1998). Uma das principais razões é a escassez de documentação sobre o assunto. Quadro semelhante é constatado no caso de precisar os substratos da estrutura métrica do português afro-brasileiro. As análises de Cruz (idem) demonstram que o ABP se encontra classificado entre as línguas moraicas, mas indaga de onde vem essa influência ? A tese de Cruz (2000) não apresenta uma explicação para o fato, apenas deixa claro que não é o português do Brasil que se distancia do português europeu, mas que é o português europeu que se distancia de suas origens latinas, origens essas preservadas no português brasileiro padrão.

As análises demonstram que o português brasileiro das comunidades negras têm uma identidade linguística diferente da do português padrão do Brasil e da do português padrão europeu, bem como que essa identidade, explícita nos aspectos prosódicos desses dialetos, é a prova de um traço de origem africana do português brasileiro.

Os resultados apontam para um substrato africano, para a existência de uma língua geral banto defendida por Schwegler (1998). Segundo a autora, o maior erro cometido por aqueles que sustentam uma forte influência das línguas africanas no português do Brasil foi o de procurar essa influência na gramática do português. Mello (1998, p.135) parte do princípio segundo o qual uma vez que houve empréstimos lexicais houve obrigatoriamente empréstimos gramaticais.

Não é investigando a gramática da língua de um determinado povo que se consegue identificar sua identidade lingüística, mas sim estudando a sua prosódia. A prosódia é o que há de mais íntimo para um falante, é a sua identidade. Da mesma forma que a identidade de um povo está na prosódia da sua língua. Por essa razão, os resultados de Cruz (idem) apontam o português como língua adquirida, como segunda língua, uma língua que substituiu as línguas maternas desses povos que, por sua vez, falavam uma língua geral.

As análises efetuadas demonstraram que o português brasileiro não se distanciou do português europeu (a língua fonte). Os resultados provam que o português brasileiro guarda sempre o elo mais estreito com suas origens latinas, das quais justamente o português europeu se distanciou em virtude de razões desconhecidas. Apenas Frota & Vigário podem achar a explicação.

No caso do português falado pelas comunidades remanescentes de quilombos da Amazônia, sua identidade está na estrutura prosódica de sua variedade lingüística. Logo, pode-se postular que as diferenças do português afro-brasileiro são de origem africanas. E isso prova a existência de um substrato bantu:

**Afro-brasileiro = português + bases prosódicas bantus.**

Pode-se constatar que a maioria (ler totalidade) das marcas lingüísticas dessas variedades do português afro-brasileiro refletem muito mais as condições históricas de seus povos que seus contatos lingüísticos em si.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual no Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v.2, p.23-43, 1981.
- BRANDÃO DE CARVALHO, Joaquim. Phonological conditions on Portuguese clitic placement on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics*, v.27, n.3, p.405-436, 1989.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Análise fonética do ritmo em poesia. *EPA*, n.3, p.67-96, 1984.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. To appear In: *Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*, 15, 2000a. *Proceedings*.
- FROTA, Sónia, VIGÁRIO, Marina. On correlates of rhythmic distinctions: the European / Brazilian Portuguese case. Paper presented as a poster. In: *Conference on Laboratory Phonology*, 7, 2000b.
- GALVES, Antonio, GALVES, Charlotte. A case study of prosody driven language changes: from classical to modern European Portuguese, 1995, 24 p. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~tycho/papers/index.html>>.

- GRABE, Ester; LOW, E. L. Acoustic correlate of rhythm class. *Paper in Laboratory Phonology 7*. Nijmegen, September 2000.
- HIRST, Daniel. The paradox. Universal and language-specific parameters of speech prosody. In: *Workshop prosody 2000: Speech recognition and synthesis*. Kraków: University of Mining and Metallurgy, 2000.
- HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert. (ed.). *Intonation Systems: a survey of twenty languages*. Cambridge : Cambridge University Press, 1998.
- LEE, S. H. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Campinas, 1995. Tese (Doutorado). Unicamp.
- LOPEZ, Morales. *Estudios sobre el español de Cuba*. New York: Las Américas, 1971.
- MAJOR, Roy. *Prosody in Brazilian Portuguese phonology*. Columbus : Ohio State University, 1979.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em português*. Campinas, 1995. Tese (Doutorado), Unicamp.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara : Laboratório Editorial / UNESP / Cultura Acadêmica, 1999. (Coleção Letras Burocracia)
- MELLO, Heliana. O português vernacular do Brasil: introdução. In: PERL, M.; SCHWEGLER A. (eds). *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1998, p. 72-74.

- RAMUS, Franck. *Rythme des langues et acquisition du langage*. Paris, 1999. 225f. Thèse (Doctorat) École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- RAMUS, Franck et alii. Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition*, 2000.
- RAMUS, Franck; MEHLER, Jackques. Language identification with suprasegmental cues: a study based on speech synthesis. *Journal of the Acoustic society of America*, v.105, n.1, p. 512-521, 1999.
- REIS, César. *L'interaction entre l'accent, l'intonation et le rythme en portugais brésilien*. Aix-en-Provence, 1995. 342f. Thèse (Doctorat) Université de Provence, Institut de Phonétique.
- SCHWEGLER, Armim. Les créoles ibéro-américains : généralités et quelques problèmes spécifiques. *Guest lecture*. Institut d'Études Créoles et Francophones. Aix-en-Provence, Mai 1998.
- SILVA NETO, Serafim. *Introdução à língua portuguesa do Brasil*. Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro, 1951.
- TAGLIAVINI, C. *Le origini delle lingue neolatine, introduzione alla filologia romanza*. Bologna : R. Pátron, 1959-1969.
- TARALLO, Fernando. *Túnel do tempo: uma viagem diacrônica*. São Paulo : Ática, 1990.
- VAISSIÈRE, Jacqueline. Synchronic variations, historical sound changes and suprasegmental framework. *Proceedings of Workshop SpoSS (Sound Patterns of Spontaneous Speech: production and perception)*. La Baume-les-aix, 1998, p. 69-78.

## REVISTA MOARA NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

A Revista MOARA aceita trabalhos originais para publicação (artigos, resenhas, traduções, discussões, retrospectivas). Os textos serão submetidos à Comissão Editorial, que se reserva o direito de sugerir ao autor modificações de forma e/ou de conteúdo.

Os textos deverão ser enviados em disquete e em duas cópias impressas; não deverão exceder a 25 páginas digitadas em computador compatível com versão IBM (atualizada), usando o programa *word for windows* (fonte 12 em *Times New Roman*).

Os trabalhos devem obedecer ao que segue:

- a) título;
- b) nome(s) do(s) autor(es) com o último sobrenome em negrito;
- c) filiação institucional por extenso;
- d) resumos (em português e inglês ou em português e francês), antecedendo o texto, com o máximo de 150 palavras;
- e) três palavras-chave (em português e inglês ou português e francês);
- g) referências bibliográficas: deverão ser apresentadas ao final do texto, obedecendo às normas da ABNT (NBR-6023):

### ❖ Livro

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

### ❖ Parte de obra (capítulos, fragmentos, volumes)

GOMES, Severo. Informática e soberania. In: BENKOUICHE, Rabah (org.). *A questão da informática no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 167p. P. 30-36.

### ❖ Artigo de Periódico

GOMES, Sonia Pedrosa, ALOJA, Miriam. Referências bibliográficas: algumas sugestões. *Boletim Abdf*. Brasília, v.6, n.21-31, abr./jun., 1983.

### ❖ Artigo de jornal

JOB, Fernando. Munique está em festa. *O Liberal*. Belém, 19 set. 1999, p.4, cad.1.

### ❖ Trabalho de Congresso ou similar (publicado)

TARGINO, Maria das Graças. Bibliotecas universitárias e prestação de serviços: a irreverências do óbvio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991. Salvador, Anais... Salvador: APBED, 1991, v.1, p.400-405.

### h) Ilustrações:

❖ As figuras (desenhos, gráficos, mapas, esquemas, organogramas, fórmulas, etc.) com suas legendas devem ser claramente legíveis. Devem indicar: autor, título abreviado e sentido da figura. Legenda das ilustrações, nos locais em que aparecerão as figuras, numeradas consecutivamente em algarismos arábicos e iniciadas pelo termo FIGURA. As tabelas serão encabeçadas e citadas como tabela, como título auto-explicativo, colocado acima.

Importante: Todos os trabalhos devem ser revisados por seus autores antes de serem submetidos à Comissão Editorial.